

A (im)possível unidade em Fernando Pessoa

Annie Gisele Fernandes*

OSAKABE, Haqira (2013). *Fernando Pessoa: Entre Almas e Estrelas*. S. Paulo: Iluminuras, 128 pp.

O volume publicado pela Iluminuras em 2013, é, a um só tempo, estudo da obra pessoana e publicação em homenagem ao autor, passados cinco anos de seu falecimento. Assim, a obra é constituída de uma primeira parte, na qual se leem as reflexões de Osakabe sobre Fernando Pessoa e seus principais heterônimos e sobre o processo criativo do autor, e de uma outra, que aquela sucede, onde estão “50 Depoimentos sobre Haqira”, de amigos, colegas de Universidades, orientandos, entre outros. Haqira Osakabe (1939-2008) foi docente da Unicamp, um dos fundadores do Instituto de Estudos da Linguagem e um reconhecido mestre de vários professores e estudiosos, como comprovam os depoimentos dos homenageantes que participam do livro.

Fernando Pessoa: Entre Almas e Estrelas, “introdução à obra pessoana”¹, deriva de uma encomenda feita ao autor por Arthur Nestrovski, editor da PubliFolha, para a coleção *Folha Explica*. Haqira trabalhou na composição dessa obra, que deveria ser sintética, didática e objetiva, conforme indicava o projeto da Coleção, durante a fase aguda da doença que o levou à morte e o seu conteúdo ficou inédito. Entre o momento em que suas irmãs encontraram esses escritos nos arquivos do autor e a constituição deles como o volume *Fernando Pessoa: Entre Almas e Estrelas*, a ser publicado pela editora Iluminuras², destaque-se o empenho de Maria Lúcia Dal Farra na compilação dos depoimentos, revisão do texto e composição de notas. Integram a obra o prefácio “Pessoano, Pessoal”, de José Miguel Wisnik, e quarta carpa e orelhas, de Fernando Cabral Martins.

O livro, como o autor indica na “Apresentação”, parte do princípio de que Pessoa ortônimo e os heterônimos Alberto Caeiro, Álvaro de Campos e Ricardo Reis são “interdependentes, mas, ao mesmo tempo, estilisticamente autônomos” e de que a obra pessoana, considerada de modo amplo, é de “natureza multiplamente superposta e intersectada” (OSAKABE, 2013b: 18). Conduzindo a sua

* Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo / Bolsista de Produtividade em Pesquisa do CNPq.

¹ Cf. José Miguel Wisnik, “Pessoano, Pessoal” (*apud* OSAKABE, 2013: 9).

² Seu editor, Samuel Leon, lançou, nesse mesmo ano, a reedição de *Fernando Pessoa – resposta à Decadência* (1ª ed. 1988). Pode-se ler a resenha de Lilian Jacoto (2014) nesta mesma revista, em https://www.brown.edu/Departments/Portuguese_Brazilian_Studies/ejph/pessoaplural/Issue6/PDF/I6A13.pdf

análise a partir dessa perspectiva, Osakabe faz ver um autor único, sem par na literatura ocidental, cuja obra, por essa sua natureza, representa uma armadilha para a crítica.

Ao ler *O Marinheiro* como um texto fundador dessa obra “multiplamente superposta e intersectada”, Haquira Osakabe aponta o caráter inquiridor desse drama estático que desenvolve nos muitos questionamentos ali postos o dilema de saber, de pensar, a respeito da existência, a respeito de saber-se eu, da dor de não saber exatamente o limite entre eu e outro, da substancialidade do eu e do (seu) mundo. Porém, somente no capítulo em que trata de “Pessoa e [d]a função demiúrgica”, o crítico retoma a questão do eu e a comenta considerando importante reflexão filosófica da segunda metade do século XIX: a que discute a concepção de que o sujeito é uno e indivisível e de que o universo, o Cosmo, é harmônico e total e demonstra que o homem é heterogêneo e pode tornar-se muitos. Segundo Osakabe, isso foi assimilado por Pessoa, Rimbaud, Oscar Wilde, Pirandello, Sá-Carneiro; porém, no primeiro, com a particularidade estética advinda do interseccionismo e do sensacionismo, recursos que “parecem presidir a constituição dos múltiplos que darão origem ao mundo heteronímico” (OSAKABE, 2013b: 29).

Ao apresentar nesse capítulo o “mote para [seu] ensaio” – i. e., “Pessoa e a função demiúrgica” – o estudioso discorre sobre o processo de criação dos heterônimos pelo outramento; o processo de criação de Bernardo Soares como semi-heterônimo e o fato de sua dicção poética diferenciar-se tanto do ortônimo, quanto dos heterônimos por ser em prosa; e o que julga ser a “grande armadilha” da obra pessoana explicitada no questionamento: “o que é o autor senão aquilo que ele mesmo inventa?” (OSAKABE, 2013b: 22).

Sobre o processo de criação de Bernardo Soares, lê-se:

Fica evidente por que se vejam nele [Pessoa] explicitamente características que são suas, traços biográficos semelhantes aos seus, mas com uma diferença fundamental: Bernardo Soares difere tanto do ortônimo quanto dos heterônimos porque sua fisionomia literária se dá em prosa, modalidade de linguagem que, segundo o poeta, dificulta outrar-se. Isto é, dificulta o fingimento poético, e explica por que em Soares ficam fortes os elementos existenciais da figura do autor.

(OSAKABE, 2013b: 21-22)

Ora, como afirma Richard Zenith, “se Soares é um semi-heterônimo, também é um semi-Pessoa. Ou seja: uma representação, ou versão dramatizada, do autor” (ZENITH, 2008: 815); assim sendo, não se pode concordar completamente que nele “ficam fortes os elementos existenciais da figura do autor”, sobretudo se se atentar para o que Pessoa escreveu: “É que Bernardo Soares, distinguindo-se de mim por suas ideias, seus sentimentos, seus modos de ver e de compreender, não

se distingue de mim pelo estilo de expor” (PESSOA, 1998: 86)³. Note-se, a título de exemplo, que nesse mesmo texto (“[Os heterônimos e os graus de lirismo]”) Pessoa indicou que “há notáveis semelhanças, por outra, entre Bernardo Soares e Álvaro de Campos. Mas, desde logo, surge em Álvaro de Campos o desleixo do português, o desatado das imagens, mais íntimo e menos propositado que o de Soares” (PESSOA, 1998: 85). Portanto, já se tem algum argumento para contestar que a poética de Soares se diferenciaria da do ortônimo e/ou da dos heterônimos *apenas* pelo fato de aquele escrever em prosa.

O ponto que parece mais relevante da perspectiva de Osakabe sobre Bernardo Soares é o que vê nele um “viés demiúrgico”, ao considerá-lo como “aquele semi-heterônimo que assume com mais clareza a relevância da função demiúrgica na construção da obra pessoana” (OSAKABE, 2013b: 22 e 41) ao imitar o demiurgo na constituição de mundos.

Em se tratando de crítica literária, parecem escusadas afirmações como a que quer reiterar que a heteronímia ou o “múltiplo pessoano” não podem ser vistos como “resultado de um processo psicopatológico de multiplicação da personalidade”, pois, se é “fenômeno literário” decorrente de “complicada manipulação da linguagem” (OSAKABE, 2013b: 23), aquilo é dado, é sabido – e querer explicitá-lo pode conduzir à percepção equivocada acerca da qualidade da obra e do autor. Como o crítico refere, o próprio Pessoa, em contestação à obra que o amigo João Gaspar Simões (1950) escreveu, salientou que o que Simões lia, na sua obra, como projeção de experiências individuais – nomeadamente as da infância – era, efetivamente, criação fantasiosa que gera, na linguagem e pela linguagem, personalidades poéticas distintas com discurso literário, poético, distinto.

O ponto alto do volume é a escolha de poemas significativos e antológicos, que Haquira Osakabe analisa de maneira sintética, consistente e muito sensível para iluminar o seu percurso crítico e a tese de constituição dos heterônimos que defende. Em contrapartida, nos capítulos finais, parece demasiado pessoal e biográfica a leitura pela via mística que conduz à análise de *Mensagem*. No primeiro caso, o autor lança um olhar macroscópico para uma obra que ele parece ver como orgânica tomando *O Marinheiro* como gênese da intersecção de planos através da qual se compõe a heteronímia⁴, o que é muito interessante; porém, nos capítulos finais, a organicidade é vista através do Neopaganismo, de um lado, e do esoterismo e do Caminho Alquímico, de outro, o que, além de contestável, repete o já dito em OSAKABE (2013a).

³ Em carta datada de 13 de janeiro de 1935, em que discorre sobre a gênese dos heterônimos, Pessoa escreveu sobre Soares: “É um semi-heterônimo porque, não sendo a personalidade a minha, é, não diferente da minha, mas uma simples mutilação dela. Sou eu menos o raciocínio e a afectividade. A prosa, salvo o que o raciocínio dá de *ténue* à minha, é igual a esta, e o português perfeitamente igual” (PESSOA, 1999: 345-346).

⁴ “A intersecção genial é essa que sobrepõe ao marinheiro criador de mundos ao Pessoa, criador de mundos” (OSAKABE, 2013b: 41).

Se a organicidade é possível numa obra monumental como a de Fernando Pessoa e investigá-la pela via da unidade pode vir a ser uma perspectiva crítica relevante, não se pode obliterar, contudo, a complexidade da obra pessoana, que advém, em boa medida, da novidade, ainda muito atual, do fato de um eu ser tão fragmentário e fragmentado a ponto de, *outrando-se*, criar vários outros, tão diferentes daquele eu e entre si, que constituem poéticas próprias.

De todo o modo, ao longo da leitura de *Fernando Pessoa: Entre Almas e Estrelas*, é patente a coerência da análise de Osakabe, bem como o seu poder de síntese e clareza.

Bibliografia

- JACOTO, Lilian (2014). "O pensar-com-Pessoa de Haquira Osakabe", in *Pessoa Plural — A Journal of Fernando Pessoa Studies*, n.º 6, pp. 265-267.
- OSAKABE, Haquira (2013b). *Fernando Pessoa: Entre Almas e Estrelas*. S. Paulo: Iluminuras.
- ____ (2013a). *Fernando Pessoa: Resposta à Decadência*. S. Paulo: Iluminuras.
- PESSOA, Fernando (1999). *Correspondência 1923-1935*. Edição de Manuela Pereira da Silva. Lisboa: Assírio & Alvim.
- ____ (1998). *Obra em Prosa*. Rio de Janeiro: Ática.
- SIMÕES, João Gaspar (1950). *Vida e Obra de Fernando Pessoa*. Lisboa: Livraria Bertrand.
- ZENITH, Richard (2008). "Bernardo Soares", in *Dicionário de Fernando Pessoa e do Modernismo Português*. Organização de Fernando Cabral Martins. Lisboa: Caminho.